

**ATIVIDADES SOCIOCULTURAIS E ABANDONO DO USO DE DROGAS ILÍCITAS:
PERCEPÇÃO DE ADOLESCENTES USUÁRIOS EM ESTUDO DE CASO**

José Jackson Coelho Sampaio^a

Edyr Marcelo Costa Hermeto^b

Cleide Carneiro^c

Resumo

A pesquisa refere-se ao papel das atividades socioculturais no abandono de drogas ilícitas por adolescentes. Atualmente, o uso de drogas ilícitas configura-se como problema de saúde pública, constituído pela extensão do uso e pela natureza das novas drogas e impactos sociais – sociológicos, econômicos, políticos – sanitários – doenças diretas, doenças indiretas, tratamento e seus custos. Objetivou-se compreender a importância das atividades socioculturais no abandono do uso de drogas ilícitas por adolescentes, inseridos em projetos psicossociais comunitários. Como tratamento metodológico, utilizou-se a pesquisa descritiva de natureza qualitativa, exploratória, sob a forma de estudo de caso, em uma perspectiva crítica, segundo a percepção dos usuários. Como instrumento e procedimento de coleta de dados foram empregados entrevista estruturada com trabalhadores e sujeitos, observação simples dos grupos de atividades socioculturais e anotações em diário de campo. A análise dos dados foi realizada à luz da análise do discurso. O campo da pesquisa foi o Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim, com dez adolescentes, intencionalmente escolhidos, que realizam acompanhamento e aceitaram participar da investigação. Os resultados encontrados apontam que as atividades socioculturais constituem recurso potente para a elevação da autoestima, recuperação de laços familiares, reestruturação do modelo de identidade social e superação do abuso de drogas ilícitas.

Palavras-chave: Drogas ilícitas. Adolescentes. Atividades socioculturais.

^a Médico pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em Medicina Social pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutor em Medicina Preventiva pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Professor Titular em Saúde Pública, docente do Mestrado Acadêmico em Saúde Pública, docente do Doutorado em Saúde Coletiva e Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa da Saúde da Universidade Estadual do Ceará (UECE). sampaiojackson@gmail.com; sampaio@uece.br

^b Terapeuta Ocupacional pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Mestre em Saúde Pública pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) do Curso de Terapia Ocupacional. edyr@unifor.br; edyrcosta@hotmail.com

^c Assistente Social pela Instituição Toledo de Ensino (ITE), Bauru, São Paulo. Mestre e Doutora em Serviço Social pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita (UNESP), São Paulo. Professor Adjunto e Coordenadora do Laboratório de Humanização da Atenção em Saúde (LHUAS), Universidade Estadual do Ceará (UECE). cleidec@uol.com.br

SOCIO-CULTURAL ACTIVITIES AND ILLICIT DRUG USE ABANDONMENT: ADDICTED ADOLESCENTS' PERCEPTION IN A CASE STUDY

Abstract

This study is about the role of socio-cultural activities in addicted adolescent illicit drug use abandonment. Illicit drug use is now faced as a public health problem, due to the extension of use and to the nature of new drugs and social impacts – sociological, economic, political – and sanitary impacts – direct diseases, indirect diseases, treatment and expenses. We aimed at understanding the importance of socio-cultural activities for illicit drug use abandonment by adolescents inserted in community psychosocial projects. Therefore, a qualitative descriptive-exploratory research was used, in case study form, from a critical perspective, according to the users' perception. Data were collected through structured interviews with professionals and participants, observations of the socio-cultural activity groups, and diary records. They were analyzed according to discourse analysis framework. The research was carried out at the Bom Jardim Community Mental Health Movement, with ten intentionally chosen adolescents in attendance, who accepted to participate in the survey. The results suggest that socio-cultural activities are powerful resources for self-esteem raising, family recovery, social identity model re-structuring and illicit drug abuse overcoming.

Key words: Illicit drugs. Adolescents. Socio-cultural activities.

INTRODUÇÃO

O uso de drogas é tão antigo quanto a própria humanidade e seu consumo deve ser encarado como permanente manifestação humana. A história do uso de drogas, em épocas, culturas e sociedades diferentes, revela que o ser humano busca não só a obtenção de prazer, mas também alívio para os cansaços, esquecimento de traumas e medos, sobretudo o da morte, e a modificação intencional dos estados de consciência. As drogas fazem parte dos hábitos e costumes de culturas diversas e transitam no imaginário social, fazendo parte de magias e rituais de prêmios e sanções, que constituem os controles sociais informais. O próprio conceito de droga é alvo de modificações, de acordo com momentos e contextos históricos.

Atualmente, o uso de drogas ilícitas configura-se como um problema de saúde pública, por sua extensão e pela natureza das novas drogas, bem como pelos impactos sociais — sociológicos, econômicos, políticos — e pelos impactos sanitários — doenças diretas e indiretas, tratamentos e seus custos. A compreensão de uma problemática tão complexa

requer diferentes leituras e atuação intersetorial e interdisciplinar, de cada vez maior número de profissionais de campos distintos como saúde, educação, justiça, polícia e serviços sociais.

Este estudo propõe-se a investigar o abandono do uso de drogas ilícitas e o papel das atividades socioculturais, neste processo, junto a adolescentes, com base em suas perspectivas. A adolescência é fenômeno peculiar do ser humano. Caracteriza-se por ser um período de transição entre a puberdade e o estado adulto do desenvolvimento. É quando o indivíduo reformula os conceitos que tem de si e abandona a autoimagem infantil, projetando-se num futuro autônomo. Sabe-se que, ao passar para a adolescência e por ela, o jovem experimenta mudanças significativas e rápidas, fisiológicas e psicológicas. Ao lado das modificações de seu corpo, também surgem transformações nas percepções em relação a si próprio, aos outros e às redes de relações, significados e papéis.¹

Na adolescência, o sujeito sente-se confuso e frágil diante das situações e das mudanças de papéis sociais relacionados às fases de vida, ao enfrentamento das realidades adversas e à dificuldade em aceitar regras e padrões impostos pela organização social precedente. Nesse momento, se não existir um suporte familiar estruturado, o adolescente poderá buscar, eventual ou sistematicamente, no comportamento marginal/rebelde e no uso de drogas, uma resposta para seus problemas.¹

Baixa escolaridade, baixos salários, táticas de atração utilizadas pelas quadrilhas e a desestruturação familiar são fatores de vulnerabilidade para que os adolescentes pobres se associem ao tráfico, como consumidores ou mediadores. Para que os adolescentes se aproximem do tráfico, não basta apenas que tenham necessidade de ajudar a família na complementação da renda ou por faltarem oportunidades de inserção no mercado de trabalho; a busca de poder no entorno social constitui fator que contribui para a carreira passiva ou ativa no tráfico, no qual o indivíduo é rapidamente incluído, inflamado em suas fantasias de prazer e liberdade, e assume papel importante em seu contexto social, embora distorcido da ética e da moral coletivas.²

Dessa forma, abre-se espaço para estudos que focalizem as dimensões subjetivas das escolhas relacionadas ao consumo e ao tráfico de drogas. Entre estas, destaca-se a valorização contemporânea do consumismo e do hedonismo, expressa na procura pela vivência intensa de sensações e pela fama, alcançadas pelos adolescentes em seu meio, ao entrar para os grupos organizados de consumo, proteção e tráfico.

O interesse pelo estudo nasceu da necessidade de compreender o abandono do uso de drogas ilícitas por adolescentes, observado no trabalho da Terapia Ocupacional, bem como examinar a interação de adolescentes com um grupo de atenção psicossocial

comunitária. Esta interação, mediada pelas atividades socioculturais, tem como objetivo explorar interesses, necessidades, capacidades e potencialidades dos indivíduos, recuperar atitudes e comportamentos considerados saudáveis, complemento necessário para a ressignificação e reintegração familiar, comunitária e social.

A abordagem sociocultural focaliza as atividades culturais ou sociais como unidade de análise. Esta unidade inclui os sujeitos, as relações intersubjetivas e a comunidade/instituição na qual estas atividades têm lugar, compondo três elementos intrinsecamente relacionados, impossíveis de compreensão isolada. Esta abordagem diferencia-se radicalmente daquela que foca a influência cultural, em que a unidade de análise recai sobre o sujeito, muito embora se considere que este sujeito esteja aberto ao meio ambiente, recebendo deste os vários alimentos, materiais e simbólicos, que necessita para se desenvolver. Mas não há primordialidade da cultura sobre o sujeito e as relações sociais. O sujeito, as relações sociais e a cultura devem ser compreendidos em estado de desenvolvimento constante e interdependente.³

Quando os modelos culturais são mediadores de atividades compartilhadas consensualmente e repetidas sistematicamente, em situações semelhantes, por membros de um determinado grupo social, estas atividades constituem práticas socioculturais. Estas práticas consistem em atividades para as quais a cultura tem expectativas normativas de forma, modo e ordem de conduzir ações repetitivas ou costumeiras, exigindo habilidades e conhecimentos específicos. Estas atividades precisam ser aprendidas como sistemas de atividades; têm roteiros, contextos ou expectativas de pano de fundo que orientam as pessoas quanto ao comportamento apropriado para determinada ocasião.⁴

As atividades socioculturais adquirem posição de destaque no manejo do abandono do uso de drogas ilícitas, por adolescentes, em que a comunidade, sujeitos, relações intersubjetivas e o grupo no qual estão inseridos colocam-se à disposição para a construção das alternativas de vida e de explicações para a vida. Essa construção ocorrerá junto com o sujeito, comunidades e as atividades socioculturais, para a exploração da natureza de seus interesses, necessidades e capacidades, reconfigurando atitudes, comportamentos e vínculos. As atividades humanas são constituídas por um conjunto de ações que apresentam qualidades, demandam capacidades, expressam-se materialmente e estabelecem dinamismos externos e internos para a realização. Elas podem ser desdobradas em etapas, configurando um processo na experiência da vida real do sujeito.⁵

Assim, abre-se a possibilidade do estabelecimento de significações e sentidos para que o indivíduo possa reescrever sua forma de relação com o mundo e os produtos que

este oferece, inclusive as drogas. Um caminho frutífero para a compreensão do problema deve partir, portanto, da concepção de interdependência entre produção de sujeitos, produção de cidadania e produção de saúde, e ter por objetivo analisar criticamente a dinâmica do abandono do uso de drogas ilícitas e o papel das atividades socioculturais junto a adolescentes vinculados ou não a trabalho comunitário significativo, como é o caso do Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim (MSMCBJ).

MATERIAL E MÉTODOS

Considerando o objeto, o campo e os objetivos, elege-se a pesquisa descritiva qualitativa, exploratória, sob forma de estudo de caso, em uma perspectiva crítica.

Pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.⁶

Mas os sujeitos, suas vivências e opiniões ocorrem em certo lugar social, que constitui um campo a ser apreendido para os esboços de contextualização. A técnica de estudo de caso pode constituir fonte de inspiração para alguns procedimentos, pois consiste em uma investigação determinada de um indivíduo, uma família, um grupo ou uma organização. Não é uma técnica específica, mas um meio de organizar dados sociais, preservando o caráter unitário de objeto social estudado. Refere-se a uma análise intensiva de uma situação particular, para investigar um fenômeno contemporâneo dentro de contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não se apresenta evidente.⁷

O campo de realização da pesquisa foi o Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim (MSMCBJ), situado na área de abrangência da Secretaria Executiva Regional V (SER V), inserida no anel periférico da cidade de Fortaleza, capital do Estado do Ceará. A regional tem 570 mil habitantes, registrando-se renda mensal dos chefes de família na escala de 1,73 salários mínimos, com 83% destes recebendo até três salários mínimos. Seus 17 bairros, entre os quais se incluem grandes conjuntos habitacionais erguidos no período da Ditadura Militar (as seis etapas do Conjunto Ceará e as cinco etapas do Conjunto Prefeito José Walter), ocupam uma área de 6.346,7 hectares. O cálculo de população em relação com a área permite-nos concluir pela ocorrência de alto adensamento urbano, com 89,81% habitantes por hectare. A regional apresenta os mais baixos indicadores sociais do município, como demonstra a síntese oferecida pelo IDH de 0,403.⁸

O acesso à sede do MSMCBJ localiza-se a 18 km do centro da cidade, na direção sudoeste. Os documentos do Movimento registram a natureza de entidade civil, sem fins lucrativos, de base comunitária e sem conotação político-partidária, criada em 1998, no bairro Bom Jardim, com o intuito de proporcionar espaços de escuta e de acompanhamento terapêutico para famílias e adolescentes em situação de risco social. Tais famílias são marcadas pela marginalização social, convivendo com a falta de recursos básicos, com baixo desenvolvimento escolar e altos índices de desemprego, criminalidade e dependência química. Atualmente, o MSMCBJ atende 150 (cento de cinquenta) crianças e adolescentes, apoiando-se em parcerias privadas e públicas. Estas últimas incluem a Prefeitura Municipal de Fortaleza e a Universidade Estadual do Ceará.⁸

Neste campo foi selecionado o grupo de sujeitos da pesquisa, constituído por dez (10) adolescentes, na faixa etária de 12 a 18 anos, como definido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), de ambos os sexos, vinculados às atividades socioculturais e concordantes com a investigação, de modo livre e esclarecido. A contribuição dos sujeitos será referida por meio de nome fictício e, para conhecer suas experiências, percepções em relação ao abandono das drogas ilícitas e o papel atribuído às atividades socioculturais, foram utilizados três procedimentos fundamentais para a coleta de dados:

Aplicação de entrevista estruturada, com 10 (dez) perguntas abertas, visando traçar perfil clínico, compreender a dinâmica familiar dos sujeitos envolvidos e identificar o papel das atividades socioculturais no abandono de drogas.

A entrevista desdobra duas discussões: a representatividade da fala — a fala é reveladora de condições estruturais de sistemas de valores, normas e símbolos, a qual transmite representações de um grupo determinado em determinada condição; a relação pesquisador/ pesquisado — a entrevista não é um trabalho unilateral, ou uma exploração, é uma interação social, em que os atores afetam-se, beneficiam-se e prejudicam-se mutuamente.^{9:45}

Aplicação de protocolo de observação simples, nos grupos de atividades socioculturais, para o reconhecimento do cotidiano dos sujeitos no processo de realização das atividades socioculturais. A observação simples, em pesquisa qualitativa, permite examinar os eventos, de modo objetivo, em contraponto a entrevista e diário de campo, subjetivos. A observação simples é útil e viável quando se trata de conhecer fatos ou situações que, de algum modo, tenham caráter público ou, pelo menos, não pertençam estritamente à esfera das condutas privadas.¹⁰

Utilização de diário de campo, visando registrar sentimentos do pesquisador e informações colhidas fora dos instrumentos formais. Resgata-se a subjetividade do pesquisador, em relação humana com seu campo. Diário de campo é o instrumento mais básico de registro de informações, em ordem cronológica e exige fichário para acolher as anotações, que incluem sujeitos, terapeutas e lideranças comunitárias.¹¹

Para analisar o material coletado, utilizou-se a técnica de análise de discurso, que consiste em “[...] compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido.”^{12:53} Essa compreensão deve procurar a explicitação dos processos de significação presentes no texto e permitir que se possam perceber outros sentidos ali presentes. Portanto, para a interpretação das falas, além do recurso aos especialistas em análise de discurso,^{9,11} o presente estudo apoia-se em teóricos da Terapia Ocupacional,¹³ da Psicanálise¹⁴ e da Antropologia.¹⁵

A coleta e a análise dos dados só foram iniciadas após a aprovação do protocolo de pesquisa pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual do Ceará (UECE), regido pela Resolução 196/96, do Conselho Nacional de Pesquisa em Saúde. Posteriormente, foi colhida a autorização dos sujeitos, nos termos de um consentimento livre e esclarecido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das entrevistas, dos protocolos de observação e do diário de campo deixou evidente que a entrada dos adolescentes no MSMCBJ tornou possível outro percurso social, uma porta de saída da dependência química já instalada ou em instalação, por meio de uma tática de fortalecimento da autoestima e da identidade, de construção de um novo sentimento de pertencimento e de um novo domínio do discurso sobre caminhos trilhados e perspectivas vindouras, dada pelas atividades socioculturais prescritas.

A concepção fundamental, na abordagem sociocultural, é a da utilização de atividades grupais que visam estabelecer um ambiente terapêutico, o qual, por sua vez, viabiliza a consecução dos objetivos de tratamento. Atualmente, o MSMCBJ promove atividades de teatro, computação, declamação, pintura em tecido, prática de violão e teclado, terapia comunitária, Grupo Sim a Vida Não as Drogas e participação no Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI).

As atividades socioculturais apresentam-se como uma experiência organizada em estruturas definidas, cujas bases referem-se à realidade do homem como ser social e a seu relacionamento com os materiais a serem transformados no trabalho. O que se institui no decorrer da realização de atividades é um campo de experimentação, no qual se instala

uma dinâmica. Essas atividades proporcionam forma e estrutura ao fazer dos adolescentes, estabelecendo um sistema de relações que envolve a construção da qualidade de vida cotidiana, como se percebe nos fragmentos de depoimentos expostos a seguir:

“Realizar as atividades aqui na comunidade é muito gratificante. Eu participo das aulas de pintura em camiseta. Hoje percebo o quanto é importante participar das atividades. Estou conseguindo minha profissionalização. Todo mundo tem que ter. Fico respeitado, com autoestima elevada [...]” (Expedito).

“No meu depoimento, gostaria apenas de dizer o quanto foi importante entrar aqui na Comunidade [...] Hoje me sinto compreendido, é um espaço agradável e acolhedor. Não me exclui, estou conseguindo resgatar o amor de meus pais principalmente [...] Estou retornando aos estudos novamente [...]” (Roberto).

No atendimento ao adolescente, não podemos deixar de lado nem a realidade exterior, nem a psíquica, pois as necessidades humanas estão relacionadas tanto às questões básicas e concretas de existência, incluindo, aqui, alimentação, educação, saúde, trabalho, lazer, quanto à subjetividade inerente ao homem, como o gosto pela vida, a percepção de seu bem-estar e prazer, a satisfação e o envolvimento emocional com pessoas e atividades, o propósito de vida e felicidade. Inclui-se aqui também sua participação social, as oportunidades de trabalho significativo e a realização de talentos e habilidades pessoais.¹³

As atividades socioculturais auxiliam na organização do cotidiano, preenchendo-o de significado, funcionalidade e estrutura de sustentação, facilitando a habilitação para o domínio das tecnologias sociais e para as possibilidades, tanto de autoexpressão, como de inserção no mercado de trabalho. Tal estrutura de sustentação, flexível como uma rede, permite a construção de autonomia e de independência, promovendo a convivência e a contextualização do adolescente na cultura e na sociedade. As falas dos participantes da pesquisa confirmam este entendimento:

“Aprendi a me relacionar com outras pessoas aqui na comunidade. Estou conseguindo algo novo que é meu aprendizado; estou tentando me profissionalizar.” (Francisco).

“Estou tentando aprender uma profissão, aqui na comunidade [...] Minha família e meus vizinhos, hoje, me vêem com outros olhos, estou me sentindo amparado.” (Roberto).

A intervenção ocorre mediante atividades socioculturais que possam ser facilitadoras para a inclusão em um novo ambiente, diferente do contexto vivido anteriormente pelo usuário de drogas ilícitas, dando lugar a um novo discurso e a novas imagens, intermediando um encontro com o novo, permitindo a construção de um projeto de vida diferente. As atividades socioculturais proporcionaram, efetivamente, um espaço de construção e reconstrução da realidade externa trazida pelo adolescente de forma ambígua, confusa, desamparada, em virtude da vivência com a droga.

A atividade sociocultural, por ser uma prática psicossocial, intervém na qualidade de vida do sujeito, fazendo com que ele possa expandir seu olhar para novas realidades, no que diz respeito a si mesmo, a seu cotidiano e a sua relação com o outro. Poderá ser utilizada como instrumento de intervenção, pois visa a trocas sociais e a promoção de saúde, bem como o investimento na ampliação do horizonte da vida ativa dos indivíduos, em especial os usuários de drogas, de sua capacidade de criar e agir e de seu espaço de liberdade.¹⁴ Sobre esta questão, dois dos participantes da pesquisa declararam:

“As atividades proporcionam um maior poder de liberdade, de me relacionar com as outras pessoas de cabeça erguida [...] a droga foi uma passagem pela vida da gente e não podemos se entregar a ela. Temos que mudar. Surgiu aqui essa oportunidade [...]” (Valdo).

“Consegui oportunidade de me tratar do uso das drogas e de realizar atividades importantes aqui [...] Na comunidade tenho confiança e respeito pelos outros [...]” (Natanael).

O interior desse indivíduo precisa ser preenchido por atividades que permitam uma construção saudável, contextualizando-o ante um projeto de vida antigo ou inédito, e que, para sua concretização, necessite de uma nova organização do cotidiano. É nesse momento que as atividades socioculturais proporcionam a completude existencial e o preenchimento do sentimento de vazio interior. Cabe lembrar que as atividades podem atuar de modo a preencher este espaço virtualmente vazio, preenchendo o lugar antes ocupado pelas drogas e proporcionando significado e metas para a vida. Os fragmentos de depoimentos a seguir são ilustrativos:

“Quando cheguei aqui, tive oportunidade de escolher qual atividade gostaria de participar. Interessei-me logo pela atividade de pintura em camiseta, achei mais interessante e bem mais profissional.” (João).

“Para mim e minha família é a coisa mais importante estar longe das drogas [...] Estou conquistando tudo de novo aqui na comunidade. Participo das atividades de pintura em camiseta, mas tenho vontade de aprender a tocar violão e guitarra; não é fácil não, mas estou conseguindo [...]” (Pedro).

Os jovens moradores de comunidades de risco são considerados adolescentes em risco social, devido ao contexto caótico de uma sociedade que os mantém órfãos de modelos referenciais, em precária situação socioeconômica, desagregação familiar, com educação pública precária, no paradoxo de crises de valores morais, que provocam a sensação angustiante de desamparo, levando-os à busca imediata de anestesia, de dor ou de prazer, dependendo de características prévias de personalidade, com felicidade e realização dependentes de drogas.¹⁵

A princípio essa organização não se refere apenas à organização institucional, familiar e profissional, mas à possibilidade de este indivíduo experimentar novas formas de fazer, e que seja um fazer organizado. Para isso, os produtos criados devem possibilitar um caminho de associações que incluam as produções e os projetos, mesmo os que foram abandonados ou nunca acessados devido ao uso de drogas. Dois participantes da pesquisa assim se posicionaram em seus relatos:

“Estou aqui em um ambiente muito acolhedor. Nesse momento permito descobrir minhas intenções de trabalho, estou escolhendo a atividade com música, como sendo algo rentável para mim e minha família. Estou me sentindo uma pessoa valorizada. Estava com medo da morte, se continuasse nesse mundo [...]” (Paulo).

“Tive interesse pela prática de teclado, acho que sempre foi um sonho, mas como não tinha oportunidade não me interessava muito [...] Hoje vejo como é importante, me sinto valorizado.” (Mário).

Com a inclusão dos adolescentes nos grupos propostos pela comunidade, percebemos que a busca das atividades proporciona uma ação possibilitadora de produção de sentido àquela violência relatada por eles, a qual se foi transformando em um novo sentido e fez emergir a transformação e a entrada de um novo ambiente na relação que é a atividade sociocultural. A equipe do MSMCBJ proporcionou aos adolescentes a organização do cotidiano e sua estruturação, dando sentido a suas atividades, facilitando-lhes amparo social, ofertando atividades que despertaram interesse e vínculo, permitindo, assim, alterações

positivas dos modos de pensar e agir. Os depoimentos de dois participantes da pesquisa confirmam esse entendimento:

“Hoje, às vezes, sinto vontade de usar drogas, mas faço o possível para não acontecer, preciso me recuperar. A equipe aqui da comunidade me acolheu e está me oferecendo oportunidade e não quero perder [...] Aqui na Comunidade, temos limite e responsabilidade de realizar as atividades e de cumprir os horários, antes não tinha regras. Em casa, às vezes, procuro realizar minhas atividades de aperfeiçoamento. Retornei os estudos e estou com credibilidade [...]” (Antônio).

“Preciso de respeito e confiança e a comunidade me proporcionou esse apoio e respeito que tinha perdido pelo uso das drogas [...] Tenho aqui atividade diversificada do nosso interesse, estou conseguindo resgate familiar e social, temos apoio da equipe.” (João).

Outro dado importante apontado pelos adolescentes é a existência de limites claramente reconhecidos por eles após a entrada no MSMCBJ. Anteriormente, havia a transgressão das normas incorporadas empiricamente e propostas pelas famílias e pela sociedade em que estavam inseridos. Depois, há o reconhecimento da força da transgressão, para o enfrentamento de situações que os pais não viveram, porém de modo crítico, controlado, sem que o sujeito se autodestrua ou se dissolva nas coisas geradoras de dependência química.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fala dos adolescentes e a observação das atividades socioculturais prescritas e desenvolvidas possibilitaram perceber-se que, após a entrada dos adolescentes no MSMCBJ, houve melhora significativa das relações familiares e sociais, mudança de atitude em relação ao futuro, desta vez mais positiva, modulação dos sentimentos de pertinência e inclusão, maior capacidade de enfrentar frustrações, melhor desempenho das atividades de médio prazo, melhora geral do estado físico e mental, autoconhecimento e ampliação do campo da consciência. Fica favorecida, portanto, a capacidade de discernir sobre as próprias aspirações e de lidar com as agressões do meio.

A inclusão dos adolescentes nas atividades socioculturais proporcionou-lhes a introdução em um novo ambiente, moldura para o ensaio de novos papéis e de nova sociabilidade, vistos como possíveis. Ser/viver de outro modo é possível. Existem soluções

mais difíceis, complexas, porém de soluções mais permanentes e mais compartilháveis. O discurso sai do estereótipo para uma flexível riqueza de sentidos. As trocas passam a ocorrer como crescimento mútuo, não negócio entre coisas. As responsabilidades da vida adulta começam a emergir, com possibilidades concretas de alcance, com base em estratégias de profissionalização, o que favorece melhor organização do cotidiano e da vida familiar.

Ao ampliarem-se, nesse contexto grupal, as possibilidades de comunicação, de expressão dos conflitos, conscientes ou inconscientes, permite-se aos adolescentes a criação e a vivência de cenas e imagens que a estrutura e a dinâmica espontânea de um grupo de atividades proporcionam, ocorrendo processos identificatórios e projetivos desencadeados pelo fazer, um fazer mais organizado e com maiores significações.

A análise do caso informa o sucesso destas experiências e aponta direções para novos estudos. A inferência de relações de determinação (causais, complexas não estruturadas e complexas estruturadas) exige o desenvolvimento de outros modelos metodológicos.

REFERÊNCIAS

1. Drummond MCC, Drummond Filho HC. Drogas: a busca de respostas. São Paulo: Loyola; 1998.
2. Zaluar A. A integração perversa: pobreza e tráfico de drogas. Rio de Janeiro: FGV; 2004.
3. Costa EV, Lyra MCDP. Como a mente se torna social para Bárbara Rogoff? A questão da centralidade do sujeito. R. Psicol.: Refl. Social 2002;15(3):68.
4. Moura MLS, Ribas AFP. Desenvolvimento e contexto sociocultural: a gênese da atividade mediada nas interações mãe-bebê. R. Psicol.: Refl. Crítica 2005;13(2):97-8.
5. Castro ED, Lima MFA, Brunello BM. Atividades humanas e terapia ocupacional. In: Carlo MRP, Bartolotti CC, organizadores. Terapia ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas. São Paulo: Plexus; 2005. p. 36-9.
6. Minayo, MCS, organizadora. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes; 1996.
7. Turato, RE. Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológico, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. Petrópolis: Vozes; 2003.

8. CDVHS – Centro de Defesa da Vida Herbert de Sousa, Grupo de Gestão Pública e Desenvolvimento Urbano (GPDU). Amostra de resultados do diagnóstico participativo desenvolvido em 2003-2004, na região do Grande Bom Jardim, Fortaleza, Ceará. In: Urbe e humanidade, informação e conhecimento para o desenvolvimento humano e social sustentáveis. 2004. Extraído de [<http://www.cdvhs.org.br>], acesso em [12 de setembro de 2009].
9. Sampaio JJC. Epidemiologia da imprecisão: processo saúde/doença como objeto da epidemiologia. Rio de Janeiro: Fiocruz; 1998.
10. Leopardi MT. Metodologia da pesquisa na saúde. Rio Grande do Sul: Pallotti; 2001.
11. Victória GE, Knauth RD, Hassen ANM. Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo; 2000.
12. Orlandi EP. Análise de discurso, princípios e procedimentos. 2ª. ed. Campinas, SP: Pontes; 2000.
13. Oliveira YCD. A clínica terapêutica ocupacional com usuários de substâncias psicoativas: o desafio da práxis. R. Bras. Prom. Saúde 2006; 4(19):229-33.
14. Rozenthal E. Outra cena: aproximação entre a psicanálise e o teatro para uma perspectiva dos novos sintomas. Tempos Psicanal. 2006; 7(23):180-95.
15. Velho G. Drogas e construção social da realidade. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; 2006.

Recebido em 19.2.2008 e aprovado em 16.11.2009.